

AS CRISES INTENCIONAIS NAS REPÚBLICAS

Rafael Golob¹

Edimar Inocêncio Brígido²

107

RESUMO: O trabalho visa apresentar como as relações de poder estão estruturadas no discurso, sejam eles manipulados ou violentos. Ou seja, nomenclaturas como República e Democracia ainda não estão esclarecidas e geram equívocos nas interpretações das palavras. Dessa forma, utilizando como base o livro *Crises da República* de Hannah Arendt, procurou-se apresentar os principais conceitos apresentados pela autora como base para as crises institucionais das Repúblicas. Assim, observando conceitos explícitos e implícitos das narrativas dos representantes governamentais, percebe-se que, na maioria das vezes, as elocuições são propositais, pois visam um objetivo, o poder, ou a manutenção dele.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Manipulação. Violência. República. Poder.

ABSTRACT: The text show how the power relations are structured in the discourse, whether they are manipulated or violent. In other words, nomenclatures such as Republic and Democracy are still unclear and there are generate mistakes in the interpretation of those words. So, it is based on the book *Crises of the Republic* by Hannah Arendt, we tried to present the main concepts of the author as a basis for the institutional crises of the Republics. Thus, observing explicit and implicit concepts in the narratives of government representatives in most cases, the expression is intentional, as they aim at an objective, the power, or the maintenance of it.

KEYWORDS: Discourse. Manipulation. Violence. Republic. Power.

INTRODUÇÃO

Em 11 de novembro de 1947, na “*House of Commons*”, Winston Churchill disse que “a democracia é a pior forma de governo, salvo todas as demais formas que têm sido experimentadas de tempos em tempos”. Esta afirmação é constantemente citada, ainda mais quando vemos comportamentos não democráticos ou quando observamos algumas situações de injustiças contra

¹ Rafael de Oliveira Golob. 1 NC - Curso de Direito. RA 1312010480.

² Doutor em Filosofia pela PUCPR. É professor no UNICURITIBA e na Faculdade Vicentina - FAVI

determinados grupos, ou favorecimento de outros na sociedade. Ainda, quando há manifestações por retorno de regimes mais autoritários devido a descrença da democracia.

Mas o que há nesses regimes que foram e são experimentados de tempos em tempos para que reconheçamos que a Democracia é o melhor deles? Primeiramente, acredita-se que a Democracia dá voz ao povo; acredita-se que o voto é a representação de uma sociedade que defende a liberdade. Entretanto, costuma-se fazer algumas confusões quanto as suas definições. Uma delas é a falta de discernimento entre os conceitos de Democracia e República. Pois, enquanto a primeira é um Regime Político em que o governo é exercido por representantes eleitos pelo povo, República é a Forma de Governo em que a Chefia do Estado é exercida por mandatários não hereditários. E aqui está uma diferença importante: a função de cada um.

Na contemporaneidade, o oposto de “República” é “Monarquia” e, comumente, isso é associado a algo autoritário (Monarquias absolutistas), ou a falta de representatividade do povo. Ainda, ao considerar que a democracia envolve um local onde exista eleições justas, periódicas e transparentes; ver-se-á que nem toda República é democrática e que um país pode possuir uma Forma de Governo que não é a República, mas que sua população desfruta de direitos, que goze de dignidade, pluralismo político e livre iniciativa. O Reino Unido é um dos exemplos.

Contudo, não se tem o interesse em qualificar a República como melhor ou pior regime político; mas sim, desmistificar a ideia de que governos democráticos são sempre os melhores porque o povo tem voz e elege seus governantes. Às vezes, parafraseando Nietzsche, “o homem cria o ideal para negar o real”.

Em resumo, voto não é sinônimo de democracia representativa, pois como defende Hannah Arendt, os regimes precisam ser reativados visto que não tem cumprido seus papéis. Assim, vive-se em um teatro e, para entender mais sobre o arquétipo republicano, compreender as intenções dos discursos faz-se necessário.

Dessa forma, para compreender essa relação de interesses que se materializa através dos discursos em um governo republicano, o livro Crises da República será utilizado. Afinal, o discurso move nações e interesses pelo poder, para o bem e para o mal.

Reforçando a importância da interpretação/compreensão das falas políticas, utiliza-se uma analogia simplória de José de Alencar que dizia: “Todo discurso

deve ser como o vestido das mulheres; não tão curto, que nos escandalizem, nem tão comprido, que nos entristeçam.” (ALENCAR, 18--?). A frase é pertinente por duas razões: primeira, por soar inadequado atualmente, visto que demonstra um comportamento regulado às mulheres; segundo, e mais importante, por traduzir que as falas devem ser ponderadas, pois possuem significados implícitos.

Portanto, dentre os assuntos abordados por Hannah Arendt, a manipulação de informações e a relação entre poder e violência nortearão este texto, pois ambos possuem como objeto o discurso, intenções. Por fim, apreender as intenções apresentadas por Hannah no início da década de 70, far-se-á importante para esclarecer à sociedade de que, muitas vezes, o voto é mais uma forma de manipulação em busca do poder do que a certificação de que uma República é Democrática.

1. COMPREENDENDO A INTENÇÃO DO DISCURSO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

O esgotamento da Modernidade, no final do século XIX, trouxe crises e guerras. O fim da razão como resposta para os problemas e avanços sociais deixou, em grande parte, a sociedade sem respostas, levando a um cenário de incertezas. O qual, sem a razão, sinônimo de desenvolvimento na época, usou a violência e a falta de diálogo como forma de resolução desses problemas.

O século XX foi um período de profundas transformações sociais, deixando evidente, para grande parte da sociedade, que sistemas autoritários estavam ultrapassados. Entretanto, no início do século XXI, percebe-se um levante de novas ideias e regimes mais duros em seus discursos, sempre acompanhados por uma parte da população. Dessa forma, analisar o passado para refletir sobre o presente faz-se necessário e buscar interpretar as ações passadas, poderão ajudar a evitar, ou pelo menos diminuir, decisões que não favoreçam o bem-estar social. Dessa maneira, deve-se atentar para um problema já citado por Arendt: as verdadeiras intenções das Repúblicas.

O redemoinho de declarações falsas de toda a ordem, embustes e mesmo auto-embustes, está para engolir qualquer leitor que pretenda pesquisar esse material,

o qual, infelizmente, deve ser reconhecido como tendo sido a infra-estrutura da política interna e externa norte-americana por quase uma década [...] Devido às extravagantes dimensões a que chegou o comprometimento dos altos escalões do governo com a inveracidade em política [...] fica-se naturalmente tentado a esquecer a experiência passada da história. (ARENDT, 2017, p. 14)

Esse material, citado por Hannah Arendt, no livro *Crises da República*, é um documento do pentágono que foi estudado e demonstrado pela autora com a finalidade de demonstrar as manipulações das informações dentro do governo dos Estados Unidos. Logo, o objetivo aqui é explicar, através da obra, como verdades e mentiras fazem parte dos governos, e como essas informações são trabalhadas com a finalidade de não auxiliar a sociedade, mas o mandatário do poder.

Crises da República, de Hannah Arendt, é uma obra, publicada em 1972, que aborda sobre a necessidade de reativação dos regimes representativos, pois, de acordo com a pensadora, manipulações de informações governamentais, associação entre lei e moral e a relação entre poder e violência, são algumas, dentre outras causas do problema representativo.

Não sou certamente da opinião de que se possa aprender muito da história – pois a história constantemente nos confronta com o novo – mas há algumas poucas coisas que seriam possíveis aprender. O que me enche de receio é que não vejo em parte alguma gente desta geração admitindo as realidades como tais e esforçando-se em refletir sobre ela. (ARENDT, 2017, p. 181)

Em resumo, a obra é dividida em 4 estudos: A mentira na política – apresenta as estratégias de discurso e mentiras para a manipulação de informações. Desobediência civil - analisa a associação entre lei e moral e demonstra a diferença entre desobediência civil e ato criminoso. Da violência – expõe como os governos sofrem do mal dos partidos políticos que não representam ninguém, além das divisões que se mantêm por necessidade e, quando houver algum problema no poder, cria-se uma emergência. E, por último, um comentário, uma entrevista que apresenta reflexões sobre política e revolução.

A obra possui uma abordagem extremamente atual. Visto que os problemas do passado, parecem estar repetindo-se. Também, ela traz reflexões sobre como funciona o sistema político e explicações sobre os interesses dos representantes no poder.

Hannah possui propriedade em relatar certas informações, pois sua vida foi decisivamente marcada por influências políticas. Arendt foi uma filósofa política alemã de origem judaica, uma das mais influentes do século XX e falecida em 1975. Ademais, foi tornada apátrida pelo regime Nazista, em 1937, obtendo a sua nova nacionalidade nos Estados Unidos somente em 1951. Seus trabalhos abrangem temas como política, a autoridade, o totalitarismo, a educação, a condição laboral, a violência e a condição feminina. Possui ainda livros de enorme influência acadêmica como *Eichmann em Jerusalém*, *As origens do totalitarismo*, *A condição humana*, *Entre o passado e o futuro*, *Crise da República*, dentre outros.

De acordo com Arendt, retornando ao assunto, a manipulação das informações por parte do governo gera, quando descobertas, descontentamento da população, gerando a crise democrática. Ou seja, se o papel de um governo democrático é a representação de seu povo, omitir informações, ou manipulá-las, é o processo mais adequado para a quebra dessa relação. Logo, a sociedade vive, mas insatisfeita e descrente. “[...] Verdade ou falsidade – já não importa mais o que seja, se sua vida depende de você agir como se acreditasse; a verdade digna de confiança desaparece por completo da vida pública” (ARENDT, 2017, p. 17). Insto é, o processo representativo não é bem-sucedido.

O que aparentemente se apresenta é que há um discurso democrático para a manutenção do poder apenas. Ou seja, as intenções dos representantes recaem sobre os seus próprios interesses, papel diferente do qual é definido por um governo republicano em um regime democrático. Dessa forma, quando se pensa sobre a liberdade na Democracia, comumente, acredita-se que a decisão é pela maioria. Mas o que se percebe é que a minoria, escolhida democraticamente, define a trajetória da sociedade. Ou seja, o discurso é teatral e possui outras finalidades.

Michel Foucault reafirma sobre os problemas do discurso teatral: “...suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” (Foucault, 2016, p 8). Ou seja, para ambos os autores, os movimentos do poder são obscuros.

Hannah demonstra que durante a Guerra do Vietnã, os Estados Unidos, manipularam as informações, ou desconsideraram as reais, em nome de uma política de imagem. “... em nome da construção de imagem e da conquista da mente dos povos...” (ARENDT, 2017, P. 33). Ainda, através de argumentos de

convencimento, financiou uma guerra que tinha como único objetivo a imagem de maior potência do mundo.

as únicas declarações públicas do governo norte-americano durante este período que realmente disseram a pura verdade foram as repetidas afirmações, bem menos plausíveis que algumas outras ideias dos relações públicas, de que nós não estávamos pretendendo ganhos territoriais ou qualquer outro proveito tangível (ARENDT, 2017, p. 33)

Por fim, é importante ilustrar que as informações mentirosas podem trazer outro problema: o próprio convencimento de quem as emite, como afirma a autora. Ou seja, prejudicam seus próprios interesses de nação por não avaliar adequadamente seus pronunciamentos e possíveis consequências. “...pode-se concluir que quanto mais bem-sucedido seja o mentiroso, quanto mais gente tenha convencido, mais provável é que acabe por acreditar em suas próprias mentiras.” (ARENDT, 2017, p. 38)

Assim, uma República Democrática pode ser tão totalitária e controladora quanto foi o governo de Hitler e Stálin. Por fim, analisar ceticamente as narrativas governamentais auxiliará a sociedade a ser menos manipulada.

A natureza dos povos é lábil: é fácil persuadi-los de uma coisa, mas é difícil que mantenham sua opinião. Por isso, convém ordenar tudo de modo que, quando lhes falte a crença, se lhes possa fazer crer pela força. (MAQUIAVEL, 1992, p. 23)

Contudo, é importante ressaltar que as manipulações das informações normalmente são pacíficas, mas isso não significa que não possam ser violentas. Isto é, Hannah também explica como, em alguns momentos, os Governos agem com violência contra seus opositores e o próprio povo quando há tentativa de impedir seus objetivos. Assim, com violência e ausência de diálogo, nascem as revoluções.

Por mais que a violência tenha se tornado um instrumento incerto e dubio em relações internacionais, ganhou a reputação e simpatia em assuntos domésticos, especialmente no que se trata de revoluções. (ARENDT, 2017, p. 100)

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo conteúdo exposto ficam claras algumas manobras apresentadas pelos que estão no governo e aqueles que o buscam. Assim, exemplificar as intenções acerca da produção do discurso através do ato violento, é importante retornar um pouco na história, para revisar um dos casos mais emblemáticos do século XX. Em 27 de fevereiro de 1933, o “Reichstag”, em Berlim, foi incendiado e, como resultado, ocorreu o acontecimento crucial para o estabelecimento da Alemanha nazista. A História, até hoje, não possui uma versão definitiva sobre o autor do incêndio. Entretanto, para o ensaio, dois pontos são importantes: um fato tornou-se um poderoso discurso e enviou uma mensagem clara para a nação.

Além da manipulação do discurso, com verdades omitidas e manipulação de informações; há outro grande problema apresentado por Hannah: as mentiras elaboradas. Ou seja, para a busca de um objetivo, uma informação pode não apenas ser manipulada, ela pode ser criada. Para reforçar a teoria acima, tem-se a celebre frase de Joseph Goebbels, chefe do departamento de propaganda do regime nazista: “Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”.

Da mesma forma, Arendt expõe sobre as intenções e problemas que a fabricação de discursos pode trazer para a nação, ela acrescenta, ainda, sobre a Guerra do Vietnã, que uma série de decisões inadequadas levaram a derrota americana e, conseqüentemente, descrédito por grande parte da sociedade. No ponto citado, ela argumenta sobre os resolvidores de problemas conhecer os fatos, mas estando em um ambiente favoráveis, pareciam não entender as conseqüências da não tomada de decisões, ou a tomada de decisões erradas.

No domínio da política, onde o sigilo e o embuste deliberado sempre tiveram um papel importante, o auto-embuste é o perigo por excelência; o impostor auto enganado perde o contato, não somente com sua plateia, mas também com o mundo real. (ARENDT, 2017, p. 39)

Diante de todos os argumentos citados, percebe-se que a República não cumpre o seu papel. Ou pior, utiliza-se de ideologias e falácias para garantir poder. O discurso é suave, agradável, cria sensação de empoderamento nos menos afortunados, mas esconde intenções. Como Hannah vê a Crise das Repúblicas, fecha este ensaio.

O idealismo é frequentemente nada mais que uma desculpa para não reconhecer realidades desagradáveis. Idealismo pode ser uma forma de evasão completa da realidade, e este, eu acho, é muito provavelmente o caso aqui. (ARENDT, 2017, p. 197)

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **Crise da República**. Ed. São Paulo: Perspectiva 2017.

COUTINHO, E. G; FREIRE, J. F.; PAIVA, R. **Mídia e Poder: Ideologia, Discurso e Subjetividade**. Rio de Janeiro: Mauad X. 2008.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Ed. São Paulo: Edições Loyola. 2014.

JORGE, F. **Hitler, retrato de uma tirania**. São Paulo: Geração Editorial, 2012.